



O AMOR NÃO TEM VOZ,
TEM GESTOS.

PAI *do coração*

A. G. MOORE



PAI DO CORACÃO

Copyright 2020 © A G Moore

Autora: A G Moore

Revisão: Fabiano Jucá

Diagramação: Andressa Gomes

Capa:

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é

crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo
184 do Código Penal.

Sumário

[Sinopse:](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)

Sinopse:

Nunca me imaginei sendo pai.

Mas a vida fez com que eu me apaixonasse por ela.

Sua força, seus sonhos, seu olhar fizeram com que eu enxergasse um mundo completamente diferente do que eu vivi até então.

E, de bônus... me vi completamente cativado pelo menininho curioso e sorridente que é filho dela.

Essa é a história de como me tornei pai do coração da criança mais especial do mundo.

Capítulo um

Carlos Eduardo.

Nunca me atentei aos *plot twists* que a vida dá. Jamais pensei que minha vida seguiria um rumo e, de repente, se verteria em outro. Há quem diga que sou acomodado com a vida confortável que levo, e por isso não me imagino vivendo de outra forma.

Eu digo apenas que sou realizado. Estou feliz.

Não preciso mudar esse fato, ao menos não por agora.

Tenho minha casa própria num condomínio luxuoso na região mais nobre da cidade, dois carros caros e potentes, amigos para compartilhar momentos de conquistas e alegrias e um trabalho que é o meu sonho desde mais novo:

Diretor Médico de Hospitais.

Cresci na medicina de uma forma rápida e assustadora até para mim mesmo, pois jamais imaginei que conquistaria tal cargo tão cedo. Aos trinta e sete anos, sou Diretor Pleno e, se tudo der certo, nesse ano eu conquisto minha vaga Sênior.

Já trabalhei em emergência, hospitais públicos, UTIs e todos os variados setores no começo da minha carreira, portanto, quando fui promovido a Diretor, eu já tinha um bom conhecimento de todas as áreas hospitalares. A empresa em que eu trabalho é a mesma desde que eu me formei, eles apostaram em mim e por isso atualmente estou onde estou. Fiz por merecer a confiança depositada.

E é sorrindo depois de mais um dia de trabalho que me despedi dos

meus colegas de serviço e segui para minha casa para mais um final de semana proveitoso. Antes de ligar meu carro, verifiquei alguma das minhas mulheres fixas para ver qual poderia estar comigo aquela noite.

Não me entendam mal, caros leitores, sou um homem bom, de caráter e muito esforçado, no entanto não sou dado a relacionamentos. Estes dão muito trabalho para manter e há um grande risco de minha mente ser afetada por estar repleta de amor e pensamentos voltados para alguma mulher.

Já me apaixonei demais na adolescência e durante a faculdade, sei como funciona e não preciso repetir.

Após confirmar minha noite com a Carina, uma bela jovem de vinte e nove anos que eu já não via há um tempo, conduzi meu carro estrada afora rumo à minha residência, admirando o céu recém-anoitecido com poucas estrelas. O dia não estava quente, mas não era dos mais gelados da primavera.

Com o som ligado em uma música qualquer, me deixei levar pelas batidas enquanto relaxava em meu assento, dirigindo calmo e sereno; no entanto, depois de metade do meu percurso, uma cena me roubou a atenção.

Uma mulher se encontrava sentada na calçada com uma criança no colo. Ela chorava olhando para o céu e eu senti um aperto no peito no instante em que o semáforo se fechou e meu carro parou exatamente ao lado de onde ela estava.

O rosto dela, contorcido em dor, demonstrava que algo grave poderia ter acontecido com a criança que parecia desacordada em seu colo e, sem pensar em nada, desliguei o carro e saí, fazendo-a se assustar ao me ver de repente à sua frente.

— O que aconteceu? Quer ajuda?

Me coloquei ao lado dela e sentei na beira da calçada averiguando a

criança — que percebi ser um menino. Ela me encarou com dúvidas no olhar e afastou a criança do meu toque, virando para o lado oposto.

— Me desculpe aparecer assim. Me chamo Carlos, sou médico e não pude deixar de parar ao ver a senhora sentada, chorando com a criança no colo. Ele está ferido? Precisa de ajuda?

Minha explicação pareceu ser o suficiente para ela, que me analisou com o olhar por segundos antes de responder:

— Ele foi atacado por um pitbull. Está com algumas feridas no rosto e braço e eu não consegui socorrê-lo pois, quando o tirei de lá, acabei tropeçando e torci o pé. Não consigo andar com ele no colo. — As lágrimas controladas voltaram a cair do seu rosto. — Ele simplesmente apagou por conta do susto. Acontece isso às vezes, é o jeito que ele reage.

Assenti e pedi permissão com as mãos para carregar o menino e colocar em meu carro. Quando o peguei no colo, pude ver melhor as feridas no rosto e no braço, que antes a mãe ocultava por segurá-lo com força contra si. O menino de aparentes cinco ou seis anos precisava de atendimento urgente.

Ajudei-a a entrar no meu carro e em instantes estava fazendo o primeiro retorno que vi para voltar ao hospital onde eu trabalho.

(...)

Samuel já estava recebendo todos os cuidados necessários com os melhores médicos da pediatria enquanto eu ajudava a mulher, que mal conseguia andar, a chegar no setor de ortopedia.

Ela aceitou de bom grado meu braço para apoio e seguiu caminhando lado a lado comigo, um pouco contrariada por estar se distanciando do filho.

— Ele vai ficar bem — falei chamando a atenção dela, que caminhava cabisbaixa.

Os olhos num tom caramelo se voltaram para os meus em um ínfimo segundo antes dela voltar a olhar para o chão.

— Não posso pagar a conta desse hospital. Tem como transferir Samuel para um público? Eu posso me virar com meu pé, logo fico boa, mas ele precisa de cuidados.

Uma pontada gelada e aguda me invadiu bem no centro do peito. Ela não queria mais ajuda do que eu já tinha dado. Mas alguma coisa me fazia querer vê-los bem. Eu sentia que podia ser uma missão, talvez.

— Não se preocupe com isso. Sou diretor de hospitais e comando esse. Fica por minha conta.

Ela não respondeu nada. Devia estar ponderando se era válido recusar ou não e optou pela sensatez.

Chegamos até a ortopedia e um de meus amigos médicos, doutor Pedro, a atendeu de pronto. Fiquei na sala de espera mesmo podendo acompanhá-la de perto, porque não sou parente nem tenho intimidades. Após os longos minutos em que fiquei ali, desmarquei com Carina e bufei frustrado, pensando em como duas pessoas poderiam estar precisando de ajuda no meio da rua e nenhuma alma se dignificou a ajudar?

Capítulo dois

Carlos Eduardo.

Em poucas horas Samuel já estava novinho em folha, devidamente tratado e suturado. A mãe dele, de nome Frésia, tinha imobilizado o pé e andava com uma muleta.

Frésia foi a primeira que vi e assim que a liberaram, fomos juntos até Samuel.

— Tomara que ele esteja bem — murmurou para si mesma, num tom neutro.

Instantes depois, estávamos adentrando no quarto onde o menino, já desperto, recebia cuidados, sendo suturado pela enfermeira.

Mal notei quando a mulher gesticulou ao se aproximar do filho, mas quando ele assentiu, eu finalmente compreendi o que estava acontecendo. No entanto, fiquei quieto.

— Como você se sente, Samuel?

Me coloquei ao lado de sua mãe e encarei os olhos escuros do menino. Ele estreitou o cenho na minha direção e olhou para meus lábios.

— Po... de repe... tir? — indagou de forma pausada, num tom baixo.

E eu repeti, lentamente.

— Bem. Obri... gado.

Assenti e virei o rosto na direção de Frésia, que me encarava com certa apreensão.

— É de nascença? — inquiri a ela.

Frésia segurou a mão do filho e a acariciou enquanto dizia:

— Não totalmente. Ele nasceu com pouquíssima audição, mas com o tempo foi perdendo o pouco que tinha. Ele consegue ler lábios algumas vezes. E também responde de modo audível para quem quiser conversar, sendo que ele está conhecendo novas palavras a cada dia. Nem tudo ele consegue falar ainda.

Toquei o ombro do menino, chamando a atenção dele para mim, e gesticulei em libras:

“Você vai se recuperar logo. Vou te levar para casa junto com sua mãe.”

— Sabe libras? — Frésia questionou atônita.

Dei de ombros fitando seus olhos dourados.

— Assim como as outras cinco línguas que domino. Faz parte de tudo que planejei para minha profissão.

Samuel sorriu para mim, talvez se sentindo confortável em saber que eu conseguiria me comunicar com ele de um modo mais prático do que a leitura de lábios.

Horas depois, eu estava levando-os para seu lar.

(...)

— É aqui?

Frésia me guiou até um pequeno aglomerado de casas populares num bairro um tanto distante do meu. O ambiente não era dos mais organizados, no entanto, parecia ser tranquilo e calmo.

— Sim. Moro logo nessas primeiras casas.

Estacionei o mais próximo que podia e saí do carro, abrindo a porta traseira em seguida para ajudar Frésia a sair e depois peguei Samuel no colo. Tranquei o carro pelo controle e seguimos até a pequena casinha amarela próxima dali.

Frésia não demonstrava irritação ou incômodo com minha presença desde a hora em que os socorri, mas assim que começamos a nos aproximar da sua casa, eu percebia que sua feição e seu corpo estavam ficando a cada passo mais tensos.

Não quis me intrometer mais do que já tinha feito naquela noite, então jurei a mim mesmo que apenas os deixaria dentro de casa e me despediria, retornando para minha rotina equilibrada e imutável.

Mas não foi o que aconteceu.

Ao passar as chaves na tranca da porta principal, Frésia disse:

— Daqui eu me viro, doutor. Pode ficar tranquilo.

Sua voz parecia trêmula, cheia de temor. Aquilo engatilhou algum alerta em mim. Será que o marido dela reagiria mal ao me ver levando-os para casa? Ou havia algo mais que eu não sabia? Independentemente do que fosse, eu realmente não tinha nada a ver com aquilo e precisava ir embora para descansar, já que minha noitada tinha sido cancelada.

Mas algo apitava dentro de mim, dizendo que ainda não tinha acabado.

— Eu os levo até lá dentro. Posso colocá-lo na cama.

Afirmei com veemência para que ela não negasse e pude ver em seu rosto que minha fala surtiu efeito. Ela apertou os lábios numa linha e assentiu.

Assim que a porta se abriu, eu tentei não me comover com o que vi,

mas foi praticamente impossível. Um ambiente deplorável para qualquer pessoa viver a vida dignamente. Não esperava algo tão arrasador, pois Frésia e Samuel não pareciam sujos ou malvestidos quando os encontrei, apenas estavam feridos. Ambos não tinham aparência de pessoas tão carentes.

Não que a carência e a pobreza tenham rosto, mas há um primeiro impacto que revela muito sobre quem somos, e nesse impacto, não imaginei o que vi naquela casa.

A sala tinha apenas algumas cadeiras de plástico que substituíam um sofá, e uma tevê de tubo antiga na parede oposta às cadeiras. Passamos pelo meio da pequena saleta sem mais nenhum móvel e entramos num corredor, onde a primeira porta estava aberta. Quando entrei por ela, já estava escutando uma voz masculina reclamando.

— Sua inútil! Estava há horas esperando você aqui, travado nessa maldição de cama!

Ainda segurando Samuel, que assistia à cena sem se esforçar para ler lábios de quem quer que fosse, parei na entrada, não dando mais nenhum passo ao ver tudo que Frésia fez a seguir.

— Desculpe, papai. Eu tive um contratempo e Samuel e eu paramos num hospital porque...

Ela dizia tudo isso andando de um lado a outro, posicionando almofadas nas costas do velho que agora podia se sentar devido à ajuda, e depois verificando se ele estava com todos os medicamentos devidamente tomados. Medicamentos estes que se encontravam numa mesinha de cabeceira ao lado da cama.

— Estou pouco me fodendo para seus contratemplos! Filha ingrata! Estou todo sujo, preciso de um banho agora, maldita!

A forma rude e cruel com que ele se dirigia à Frésia me fez dar alguns passos adiante, me colocando no ângulo de visão do velho.

— Boa noite. É aqui que devo deixar o menino?

Perguntei, cortando toda aquela cena constrangedora.

Frésia pareceu lembrar da minha presença quando me ouviu falar e parou de repente no meio do quarto, me fitando com um peso no olhar que me condeou.

— Sim, doutor. Naquela cama ali.

Apontou para uma cama de solteiro no finalzinho do quarto. O quarto era amplo, cabiam as duas camas de solteiro, uma em cada parede, e na parede restante, um armário velho com muitas caixas em cima. Não me escapou que havia caixas de papelão também debaixo das camas.

Depositei Samuel ali e o olhar de tristeza que o menino me lançou ao se afastar de mim doeu profundamente.

“Está em casa, menino. Espero que fique bem.”

Diferente do hospital, Samuel não me respondeu em palavras, e sim em libras.

“Não vamos ficar. Aqui é o próprio inferno, mas obrigado pela sua ajuda.”

Engoli em seco, alisando os fios negros e lisos do menino.

Me virei e o velho me encarava com cara de poucos amigos, sem dizer nada. Frésia chegou com uma cadeira de rodas surrada e começou a ajudar o seu pai a sentar nela.

— Vamos tomar um banho.

— Já pode ir, metidinho. Tá na cara que nunca entrou numa casa de

pobre. Não precisa ficar olhando como se tivesse pena.

O velho abusado enfim destilou seu veneno a mim, que não conseguia dar mais nenhum passo adiante para fora daquele quarto.

— Estou indo.

Passei por Frésia e ela me deu um curto sorriso, onde pela primeira vez vi seus dentes perfeitamente alinhados e brancos, caracterizando sua gratidão ao murmurar:

— Obrigada por tudo.

Depois que fui embora e cheguei em casa, fiquei remoendo cada segundo fora de ordem que passei desde que saí do hospital e parei naquela calçada. Aquela mãe com seu filho não saiu da minha cabeça por toda noite, madrugada e até o amanhecer.

Capítulo três

Carlos Eduardo.

Uma semana se passou e em todas as noites, imagens de Frésia e Samuel carimbaram minha mente.

Eu me preocupava com o estado em que moravam. Pareciam precisar demais de ajuda. O pai, violento e rude com Frésia, a fazendo se sentir uma inútil em cada letra proferida contra ela. O menino, tão simples e puro, já ciente do inferno em que vive dia após dia, ainda assim age com cortesia e educação com as pessoas, como foi comigo.

E Frésia... Pesquisei sobre o nome e vi que são flores que significam inocência.

O sorriso dela, quando se despediu, soou tão grato, tão puro. Como se, mesmo relutante no começo, ela ficasse encantada com meu gesto. Como se aquilo que recebeu fosse raro de se ver.

Uma mulher tão delicada em suas feições. A pele branca um tanto bronzeada e os cabelos ondulados num tom escuro conferiam um aspecto doce àqueles olhos de caramelo. Porém, a mesma feição doce revela traços pesados de uma dura realidade.

Era domingo e eu cismeiei de passar lá na casa deles, apenas para averiguar se já estavam bem.

Não era do meu feitio bisbilhotar a vida alheia e eu me sentia dono de mim o suficiente para não permitir que uma mulher e seu filho dominassem minha cabeça. Era um velho já. Tinha vivido muita coisa.

Mas, ainda assim, me vi estacionando meu carro ali perto e batendo na

porta dela, naquela tarde.

Na terceira batida, a porta se abriu.

— Doutor?

Analisei de cima a baixo uma Frésia mais à vontade. Ela mantinha seus cabelos compridos e ondulados presos em um coque e as roupas eram apenas um shortinho solto e uma camisa regata.

Repreendi os pensamentos luxuriosos sobre a mulher, que agora eu via que mantinha-se em perfeita forma corporal, e pigarreei.

— Vim apenas averiguar se estão bem. Se precisam de algo.

Ela apoiou-se no batente da porta e cruzou os braços, me olhando com estranheza.

— Aconteceu alguma coisa? É a conta do hospital? — Arregalou os olhos. — Ah, Deus! Eu devia ter dito que pagaria e...

— Não! Não... — Abanei a mão no ar, sinalizando que não era nada daquilo. — Apenas quis ver Samuel e oferecer alguma ajuda. Saber mais sobre vocês.

Seu semblante se fechou. Engoliu em seco e abaixou a cabeça, olhando para os pés antes de me fitar intensamente.

— Tudo bem. Entre.

Falou com uma firmeza que eu não conhecia ainda.

Frésia me pediu para sentar em uma das cadeiras da sala enquanto chamava Samuel e trazia algo para eu beber. Eu tentei negar, mas ela insistiu e disse que logo vinha. Em instantes o menino saiu correndo do quarto e se iluminou ao me ver na sala, vindo na minha direção como se visse um herói.

De pronto, abri meus braços para abraçá-lo e me pus de pé.

— Saudade! — ele exclamou, se esforçando para se expressar em palavras audíveis.

O envolvi em meus braços e senti ali algo diferente em mim. O menino merecia ter a melhor vida que uma criança nas condições em que ele se encontra merece. Eu me senti compungido a ajudá-lo de alguma forma.

Assim que nos afastamos, proferi em libras:

“Também senti saudades, Samuel. Como estão seus dias? Faltou à escola por causa dos machucados?”

Ele ficou triste imediatamente.

“Meus dias estão ruins, eu não posso sair para brincar e também não tenho ido à escola, mas eu quase nunca tenho aula mesmo.”

Me sentei e ele ficou de pé na minha frente enquanto falávamos.

“O que acha de sairmos hoje para passear?”

Nesse instante os olhos de Samuel se iluminaram, porém sua mãe chegou na sala com um pote de biscoitos e uma caneca contendo café em mãos, dizendo:

— Sair? Não acho que seja adequado, doutor... Eu não tenho como deixar meu pai e ele não pode ficar saindo de casa assim. Já está muito idoso.

“Quero sair, doutor!”, Samuel diz.

Encaro Samuel e depois olho para Frésia, ambos com mensagens contrastantes e aquilo me dá uma ideia no instante em que aceito a gentileza do lanche.

— Podemos ser bem rápidos, vamos aqui perto. Você pode esperar seu pai ficar em um momento mais tranquilo, e então saímos.

Enquanto Frésia olha para os lados, reticente e pensativa, meus olhos

passam involuntariamente por seu corpo torneado e com curvas maravilhosas. Não era para eu reparar tanto nela, mas não é algo que se dá para controlar. Os olhos simplesmente deslizam.

Ainda de pé, com as mãos unidas sobre o ventre, Frésia murmura um: “Tá, vamos ver”.

E só a possibilidade de estar mais um pouco com eles já inunda meus pulmões de um ar desconhecido, mas tão, tão cheio de felicidade.

E o que sela tudo aquilo que eu estava sentindo e estranhando demais é saber, minutos depois, que sim, ela aceitou darmos um passeio no horário em que seu pai estará dormindo.

Samuel, quando soube, deu um sorriso capaz de causar a paz mundial sem nenhum esforço.

Eu sabia, porque dentro de mim uma paz já havia dominado o lugar.

Capítulo quatro

Carlos Eduardo.

Eu sou louco.

Definitivamente, sou maluco.

Não preciso nem provar, pois a loucura que cometi naquele domingo fez com que qualquer suspeita da minha insanidade fosse atestada com sucesso.

Levei a bela morena e seu filho para uma pequena praça ali perto onde havia alguns brinquedos montados e barracas com comidas. Frésia não me parecia tão à vontade, às vezes eu suspeitava de que não era normal, na rotina dela, ter apoio ou ajuda de estranhos e isso acabou fazendo com que sua feição se tornasse facilmente carrancuda.

Samuel, já com parte das ataduras livres, pediu para brincar na cama elástica. Assim que o deixamos lá pelo período de dez minutos, ficamos próximo dali, sentados num banco de cimento, observando-o depois de comprar dois cachorros-quentes bem caprichados.

— Não entendo por que está sendo tão gentil.

O tom que Frésia usou não foi acusatório ou desconfiado, soou mais como uma confusão. Ela realmente não conseguia entender.

— Nunca fizeram algo assim por vocês? — Abaixei o lanche de minhas mãos e virei o rosto na direção dela, focando nos seus olhos dourados. Ela negou com a cabeça, mastigando a iguaria. — Vocês recebem algum auxílio do governo? Tem emprego?

Ela encolheu os ombros, na defensiva.

— Samuel não. Meu pai recebe sua aposentadoria e eu trabalho como diarista. Mas não é todo dia que tem serviço.

Eu sabia que o menino poderia dar entrada em uma pensão do governo, por conta de sua necessidade especial, mas já tinha me metido tanto na vida deles que temia ser repellido em algum momento.

— Posso tentar arrumar algo para você lá no hospital. Me mande seu currículo que encaminho ao setor de RH.

Ela estava prestes a morder mais um pedaço do cachorro-quente, mas parou o ato no meio do caminho e me fitou incrédula.

— Está falando sério? — soou esperançosa. — Um emprego de verdade?

Seus olhos brilharam de uma forma tão profunda e eu só quis impedir que lágrimas deslizassem deles. Estava me sentindo um louco por permitir que pessoas tão despretensiosas se enraizassem na minha cabeça daquele jeito. Tinha que admitir que me intriguei com aquela família e admirei a força da mulher que carregava tudo nas costas com uma garra e uma luz que jamais vi em qualquer mulher antes.

— Sim.

Ela respirou fundo e controlou as emoções ao observar o céu azulado sem nuvens, antes de me encarar novamente.

— Nem sei o que dizer, doutor. O senhor deve ter mais o que fazer da vida, uma família, amigos, coisas mais importantes do que estar aqui dando atenção a quem mal conhece. Obrigada por ser tão bom conosco. Não serei orgulhosa a ponto de negar ajuda, sabendo que minha casa precisa, então eu ficarei grata em trabalhar no seu hospital, nem que seja de ajudante de serviços gerais ou apenas limpando banheiros.

Algo inundou meu peito ao constatar quão admirado eu estava por ela ser uma mulher tão grata e tão verdadeira. Senti um calor tomando espaço e me informando de que meus dias não seriam mais os mesmos a partir daquele dia.

E não foram.

(...)

Dias depois daquele passeio, Frésia já estava contratada pela empresa que trabalho como um tipo de faz-tudo, ela era a assistente-geral da administração. Redigia documentos, tirava as cópias no setor de xerox, levava papéis para cima e para baixo, sempre executando tudo com excelência e competência.

Samuel, quando não tinha aula, vinha com ela para o trabalho. O menino ficava na ala pediátrica chefiada pelo doutor Diego, um amigo de longa data que era o doutor mais requisitado pelas crianças e — devido à sua aparência bastante sobressalente — pelas mães das crianças também.

— E aí, Diego?

Dei duas batidinhas na porta de seu consultório, colocando-me rosto adentro. Como eu esperava, Samuel estava ali com ele, ajudando-o.

— Opa. Entra aí, chefe. Estava falando com o garotinho aqui sobre como é cuidar de crianças.

Samuel me olhou com alegria estampada no rosto e gesticulou:

“Esse doutor é legal como você, tio Carlos. Ele me ensinou a medir a

temperatura do corpo.”

— Sabe libras, Diego?

Perguntei enquanto andava pelo ambiente, parando à beira da janela, de braços cruzados analisando tudo ao redor.

O médico deu de ombros, ainda sentado detrás da sua mesa.

— Algumas coisas. Tô me esforçando, mas Samuel entende alguma coisa lendo lábios.

Assenti, e uma batida na porta nos chamou atenção. Diego gritou “entre” e de imediato meu corpo entrou em alerta ao ver a mulher de cabelos castanhos e olhar dourado adentrar o recinto. Trajada com o uniforme da empresa em um conjunto social, seu corpo ficava ainda mais moldado e suas curvas mais sobressalentes.

Instintivamente meus olhos desceram de seu rosto para o volume exposto de seus seios sob o colete.

Abanei a cabeça repreendendo-me e encarei Diego, que me olhava com o cenho franzido.

— Me desculpe atrapalhar. Queria chamar Samuel para o almoço.

Sua voz suave encheu o recinto e as libras foram feitas no mesmo instante em que ela falava em voz alta, fazendo Samuel saltar da cadeira, sorridente, e seguir até ela.

Assim que ambos se retiraram da sala, passei a mão sobre meus cabelos e respirei fundo, tentando assimilar o que tinha sido aquela coisa louca que senti ao vê-la.

— Acho que não serei mais a fofoca da vez do hospital.

Diego comentou risonho ao levantar-se e guardou alguns papéis em

seu armário, tranquilamente, enquanto eu assimilava o que ele tinha acabado de dizer.

— O que quer dizer com isso?

Mas a porta foi aberta abruptamente e doutor Garcia, mais conhecido por todos como o que adora piadinhas, adentrou o recinto já com um sorriso estampado no rosto.

— Então quer dizer que agora é Cadu quem foi fisgado pelas bolas por uma mãezona?

O tom brincalhão demais que ele usou me incomodou um pouco.

— Acho que tem muito trabalho a fazer no seu setor, Garcia — usei a imponência de Chefe e o intimidei.

Ele elevou os braços ao alto, em rendição.

— Tranquilo. Só queria estar por dentro. Deve ser algum tipo de praga que acometeu vocês dois. Primeiro Diego fica aí todo embasbacado com a tal Nina e sua filha extrovertida, agora tu, Cadu?

— Mas eu e a Nina não temos n...

Diego começou a tentar limpar a barra dele, mas foi interrompido por um Garcia empolgado.

— Não fala nada. Essa sua cara de quem tá disposto a lambar o chão que a mulher pisa é inconfundível. Agora olha pro Cadu. — E os dois ficaram me encarando de pé, assim como eu, com os braços cruzados. — Ele tá indo para o mesmo caminho.

Dei uma risada sarcástica e os ignorei.

— Vocês não aprendem. Vou voltar ao trabalho. Sugiro que façam o mesmo.

Saí a passos firmes da sala e segui para o andar da administração, disposto a me manter concentrado em meu trabalho para que nenhuma mulher com nome de flores que emanam inocência ocupasse minha mente.

Já Samuel sim. O menino nada tinha a ver com a atração pungente que estava começando a crescer dentro de mim com relação à mãe dele. Aquele garoto era uma criança feliz, mesmo com suas limitações. Ele sonhava e tratava a todos com carinho e educação.

O menino merecia bem mais do que a vida lhe dera até então.

Capítulo cinco

Carlos Eduardo.

Sabe quando eu tive a impressão de que minha vida não seria mais a mesma e a minha rotina também mudaria drasticamente? Eu estava certo.

E as semanas seguintes provaram isso, me mostrando que eu queria dar de cara com Frésia mais do que o permitido e perdia alguns longos minutos do meu dia batendo papo com Samuel quando ele estava no hospital.

Era sexta-feira e Samuel estava comigo, na minha sala. Ele era curioso e sorridente, sua curiosidade em saber como funcionava um hospital e como os serviços eram divididos me fez admirá-lo ainda mais por ser tão inteligente e se interessar por um tema tão adulto, mesmo tendo apenas seis anos.

“Aqui dentro temos diversos setores, não somos apenas médicos. Precisamos de tudo, uma empresa completa. Administrador, contador, secretárias, equipe de limpeza, cozinheiros, tudo.”

Ele parava para me ver gesticular enquanto passava os dedos pelos livros dispostos na minha pequena biblioteca dentro da sala.

“Queria ser grande como você, tio Carlos. Mas não sei se consigo ser algo assim quando crescer. Meu avô diz que minha mãe e eu só damos desgosto.”

O que mais me deixava com ódio nos últimos dias era o fato do velho ser tão ruim para sua descendência. O pouco que Frésia me contava era que ele se sentia infeliz pelo acidente fatal que sofreu há alguns anos, mas teve sorte em permanecer vivo. Desde então ele odeia tudo e todos e pede quase todos os dias para morrer.

Ela explicou o quanto sofre ao ver que seu pai, o único parente vivo que tem, não tem mais gosto pela vida e só está plantando lembranças ruins para a infância do neto, mas não consegue mudar isso.

“Seu avô tem alguns probleminhas na cabeça, Samuca. Ele não sabe o que está dizendo. Você pode ser o que quiser.”

Eu vou te ajudar a chegar longe, menino — eu quis dizer, mas o que estaria prometendo com isso?

Era como se eu quisesse estar na vida daquela criança em todas as etapas. Era como se eu sentisse com ele uma conexão profunda de afeto.

“Você acha mesmo? Eu posso ser o que eu quiser?”

Ele gesticulou empolgado e seu rosto se iluminou com a informação. Eu só queria fazer com que Samuel entendesse que ele era especial, não no sentido de ser deficiente auditivo, mas no sentido de ser uma criança iluminada e completamente diferente das demais que eu já conheci por aí.

“Você pode mais do que imagina.”

Ele sorriu e pude ver seus olhinhos encherem de lágrimas. Eu estava me saindo um baita de um adolescente emotivo depois que esse garoto entrou na minha vida. Sem contar a mãe dele que... Esquece. Prefiro deixar pra lá.

O expediente acabou e eu levei Samuel até a saleta onde Frésia estaria trabalhando, mas não a encontrei lá.

— Onde ela deve estar?

Indaguei ao ar, segurando firmemente o menino com minha mão. Andei com ele pelo setor administrativo quase todo, quando então me restou a sala do contador. Marcus devia tê-la designado algum serviço, ele andava muito pedinte com Frésia ultimamente.

“Senta aqui, Samuca. Vou verificar se sua mãe já está liberada para

irem para casa.”

Sinalizei ao menino e o deixei na sala de espera do setor, caminhando até a porta do contador.

Não bati, apenas abri lentamente dando de cara com uma cena que me encheu de fúria.

Frésia estava em uma escada alta, tentando pegar algo nos andares mais altos da estante de livros enquanto o babaca do Marcus ficava lambendo os beiços como um cachorro sentado em sua cadeira perto dali, espiando as coxas da mulher, que me parecia inocente na situação.

— Esse livro, senhor Marcus?

O tom suave e puro com que ela perguntou me atingiu em cheio. Abri mais a porta, fazendo-os notar minha presença.

— Frésia, seu expediente terminou. — Estendi a mão e a ajudei a descer os degraus. Depois fuzilei Marcus com o olhar. — E você... Que merda pensa que está fazendo?

A mulher parecia perdida na situação, mas sua mão não deixou a minha, fazendo com que uma pequena corrente elétrica percorresse minhas veias, dominando-me por completo. Ela mexia comigo, era fato.

— Depois conversamos, chefe. Até amanhã, Frê.

Frê?

Mas que porcaria é isso?

Bufei, irritado.

— Até. Desculpe por não conseguir pegar seu livro.

Ela abaixou o olhar e seguiu comigo para fora, soltando minha mão assim que viu Samuel perto dali a aguardando. Correu para seu filho e o

abraçou.

“Vamos, o ônibus deve estar chegando.”

Me aproximei deles discretamente, com as mãos nos bolsos.

— Me deixe levá-los.

O olhar constrangido que ela sempre me dirigia era tão fofo, dava vontade de beijá-la.

Eu estava mesmo ferrado. Por que logo eu? Por que agora? Minha vida estava nos eixos, eu gostava de como vivia. Mas Frésia e Samuel chegaram e... tudo mudou.

— Nós já demos muito problema para o senhor, doutor. Eu recebo vale-transporte, posso ir de ônibus.

Enquanto ela dizia, falava em libras para que Samuel entendesse nossa conversa, e eu respondia do mesmo modo.

Samuel a abraçou pela cintura.

— Eu sei, não estou dizendo que não podem ir sozinhos, é que... eu gostaria de levar vocês.

Vai, Cadu, seja mais babaca, seja!

“Eu quero ir com o tio Carlos!” Samuel gesticulou.

Isso, menino! Me ajude aqui!

Encarei Samuel com seu olhar pidão e depois conectei meu olhar com o de Frésia, que conseguia me abalar com seu mar dourado inocente.

— Tudo bem, doutor. Mas será a última vez — decretou.

— Cadu. Pode me chamar de Cadu, já falei que são meus amigos. Vamos?

Eles seguiram ao meu lado até o estacionamento do hospital e pude

contemplar em Samuel a alegria que reluzia de suas írises infantis. Ele amava andar comigo no carro.

Durante o trajeto, liguei numa rádio para que não ficasse um clima constrangedor para os adultos, já que Samuel apenas se concentrava em olhar a paisagem do lado de fora.

Chegamos na rua deles com o céu escuro e estrelado. O clima quente me engolfou assim que abri as portas e senti o choque por sair de um ambiente com ar-condicionado. Abri a porta de trás liberando-os e, antes que Frésia saísse, eu a impedi.

— Preciso falar com você.

Não conseguia organizar os sentimentos com coerência e sensatez desde que vi a forma predadora com que Marcus a olhava mais cedo. Senti que precisava deixar claro a ela o quanto mexe comigo, assim talvez pudesse alertá-la sobre quão bonita ela é e como os homens solteiros e casados do hospital ficam ao vê-la passar.

Ela indicou a Samuel que ele podia ir, já que estávamos praticamente na porta da sua casa. O menino me deu um abraço de urso e se foi. Indiquei que Frésia entrasse no carro e me sentei no banco de trás ao seu lado, disposto a conversar jogando a verdade na roda.

Ela me fitou com certo medo.

Mas...

— Fique tranquila, quero falar com você algo pessoal.

Ela suspirou, liberando uma boa dose de ar em seguida.

— Pensei que me demitiria. Eu tenho me esforçado tanto no trabalho e... tenho visto que posso investir em mim com esse emprego e quem sabe em breve internar meu pai e colocar Samuel num colégio melhor.

Sua sinceridade me desarmou e eu me senti na obrigação de perguntar algumas coisas antes de expor meu lado sentimental que há muito estava adormecido.

— Samuel não tem um pai? Alguém que arque com os custos para ele?

Ela se abraçou e olhou para o lado oposto de onde eu estava, fitando a janela.

— Eu não lembro quem pode ser o pai de Samuel, eu... Samuel não veio para mim de uma forma muito comum.

Resumi e eu fiquei com muitas dúvidas. Será que ela era uma mulher da vida? A pobreza a fez se deitar por dinheiro e isso a tornou essa mulher fechada depois de ser mãe?

Algo me dizia que eu me surpreenderia muito com a história dessa família, mas minha vontade de beijar essa mulher não havia passado com sua confissão.

— E-eu quero deixar claro algumas coisas, Free.

— Free? — inquiriu com curiosidade.

— Sim. Frésia no original se pronuncia Freesia, apenas abreviei para Free. Sabe o que Free significa?

Ela apenas abanou a cabeça com a boca aberta, chocada.

— Livre.

Quando proferi a palavra, os olhos dela se encheram de emoção e instintivamente levei meu polegar à pequena lágrima que abandonava seus olhos, a enxugando. Free fechou os olhos com o contato.

— Queria que soubesse que, desde que os conheci, não paro de pensar em vocês. Nos dois. Em como eu quero protegê-los e dar tudo para que sejam

felizes.

Proferi num sussurro, me aproximando um pouco mais do corpo reticente dela.

— Mas nos últimos dias eu tenho sentido mais que isso. Eu quero mais que apenas ser amigo. Sabe o que eu quero, Free?

Ela abriu os olhos e me fitou com um brilho diferente no olhar. Um lampejo de esperança. Eu conhecia aquela sensação.

— Não...

— Quero te dar isso, Free.

Aproximei meu rosto do dela e, como uma dança sincronizada, ela fechou os olhos e entreabriu os lábios como se aguardasse meu beijo. E foi isso que fiz.

Toquei seus lábios quentes e sedentos com os meus enquanto minha mão deslizou para sua nuca a fim de que ela não se afastasse daquele meu gesto carinhoso que há muito tempo eu desejava.

Nosso beijo rolou naturalmente e em segundos nossas línguas exploravam a boca um do outro, numa explosão de sentimentos e sensações.

Eu queria mais do que um beijo, mais do que sempre quis com qualquer outra.

Droga. Eu estava totalmente envolvido, até o pescoço.

Nos afastamos em busca de ar e, quando a encarei novamente, ela parecia emocionada.

— Eu... Eu quero, Cadu — disse lentamente, com cuidado. — Eu também quero o mesmo que você.

Capítulo seis

Carlos Eduardo.

Algumas semanas se passaram e Free e eu engatamos em um relacionamento sem nome. Eu não estava pronto para dar nome ao que tínhamos ainda, era cedo demais, mas meu sentimento se solidificava a cada vez que os olhos cor de mel me fitavam com admiração e pureza.

Aprendi que Frésia cresceu num lar sem mãe, com o pai sempre sendo amoroso e paciente. Realmente a versão que eu conheci de seu Nelson era uma totalmente oposta a que Frésia tinha como referência. Ela estava determinada em interná-lo numa clínica para idosos, já que não dava conta de pagar uma enfermeira particular para cuidar dele durante o horário de trabalho, mas ainda não tinha tomado a atitude final, deixando uma amiga como cuidadora dele.

Aprendi também que seu maior sonho é ser assistente social. Ela sempre gostou de ajudar as pessoas na mesma condição que ela, e ter um filho especial a fez ver o mundo com olhos mais gentis e altruístas.

Eu admirava cada vez mais a mulher que fazia meu coração acelerar mais forte.

Era sábado, Samuel não estava conosco pois a melhor amiga de Free pediu que ele passasse o dia com ela, brincando com sua filha. Tínhamos o primeiro sábado a sós, somente ela e eu.

E eu estava nervoso feito um adolescente.

— Hã... quer uma água?

Perguntei assim que chegamos à minha casa. Free ainda olhava tudo com admiração, era sempre assim quando vinha à minha casa. Ela se sentia um pouco deslocada.

Minha sala era maior que sua casa completa e ela ficava um tanto intimidada.

— Quero sim.

Ela assentiu e seguiu até o sofá macio enorme. Sentou-se ali e eu, ainda um tanto nervoso por estar enfim sozinho com ela, segui para a cozinha.

— Respira, Cadu. Você é um homem de quase quarenta. Pelo amor de Deus.

Suspirei ao abrir a geladeira e servir dois copos com água. Eu precisava manter a calma. Era um homem feito e ela, apenas uma menina de vinte e oito que não sabia tanta coisa da vida.

Retornei à sala e minha linda estava no mesmo lugar, com o olhar nas mãos sobre o colo. Me sentei ao seu lado e dei o seu copo, bebendo minha água em seguida.

Esvaziamos os copos em sincronia e depois o silêncio reinou entre nós.

— Que merda de nervosismo eu estou sentindo — murmurei.

— Também estou nervosa. Nunca fiquei assim com um homem antes.

Aquela confissão me atçou. O que ela queria dizer com aquilo? A encarei com plena curiosidade estampada no olhar e ela também me fitou. Sem precisar que eu dissesse nada, ela se explicou:

— Acho que está na hora de eu contar como era minha vida antes de Samuel. — Respirou fundo e encarou os dedos unidos segurando o copo em mãos. — Nunca tive um namorado. Não oficialmente. Eu já beijei alguns

meninos na época da escola, mas era algo tão bobo que não me permitia chamar de namorados. Me formei no ensino médio em uma escola pública muito boa daqui da região e comecei a estudar em um cursinho preparatório para a faculdade, onde ganhei bolsa.

Ao ouvi-la, minha mente imaginava uma versão um pouco mais nova da minha garota, sorridente e estudiosa em sala de aula.

— Pode continuar, Free.

Incentivei, tirando o copo de sua mão e o colocando junto ao meu na mesinha de centro. Depois segurei sua mão dentro das minhas, protetoramente.

— Eu pegava um ônibus e andava aproximadamente vinte minutos por algumas ruas vazias durante o trajeto da minha casa até o cursinho. Acontece que estudei lá por dois anos e não consegui ser aprovada em nenhuma faculdade — suspirou pesadamente. — Acontece. Mas precisava trabalhar, já que não podia mais ser bolsista do curso, então eu comecei a ser auxiliar de limpeza do curso em troca dos estudos. Assim foram mais dois anos. Eu estava ainda indecisa sobre o que cursar, queria medicina, depois enfermagem, depois optei por assistente social no último ano, já que para os dois anteriores eu nunca passaria. Não tinha nota. Foi então que passei, já com vinte e um anos completos, e fiquei até mais tarde no curso para acertar tudo sobre meu emprego, dar adeus ao pessoal e enfim ir para casa. Mas na volta para casa...

Engoliu em seco e sua voz tremulou. Meu instinto me disse que algo macabro viria e isso me fez ranger os dentes disfarçadamente. Ela não notou minha ira velada, então seguiu contando lentamente.

— Um homem me abordou em uma das ruas vazias perto do curso e disse que me conhecia. Me ajudaria a ir mais rápido por um atalho até o

ponto de ônibus e eu, inocente, acreditei. Ele... Ele me levou pra um local muito estranho e lá abusou de mim algumas vezes. Não foi uma vez somente, foram várias. Eu era virgem, jamais tinha namorado na vida e só queria estudar! Mas... Mas...

As lágrimas já estavam jorrando sem controle dos seus olhos e o clima tenso e triste pairava forte no ar. Eu não quis mais ouvir, apenas a abracei, deixando que ela chorasse no meu peito toda dor que sentiu naquele dia. Ela foi corajosa em contar, significava que confiava em mim.

— Não precisa mais contar os detalhes do dia. Samuel então veio desse ato... suponho.

Ela fungou e murmurou entre lágrimas:

— Sim. Meu pai mandou eu abortar quando descobri, ele sabia do que eu tinha sofrido, pois não tinha ninguém além dele para contar quando cheguei de madrugada com as roupas sujas e rosto ferido em casa. Eu não tive coragem de tirar Samuel. Confesso que pensei nisso algumas vezes, mas... eu não conseguia.

Aquilo doeu profundamente em meu âmago, fazendo com que meu instinto protetor crescesse ainda mais e dominasse os espaços antes inocuados. Eu não deixaria Frésia escapar. Ela e Samuel teriam a melhor vida do mundo, se dependesse de mim.

Eu os protegeria do mundo lá fora.

Afastei-a do meu peito e a segurei com delicadeza pelo rosto.

— Eu vou proteger vocês. Eu prometo. Quero que seja minha namorada, quero que tenha tudo que não pôde ter. Quero que seja feliz, Free. Você é forte, uma mulher de fibra que a vida, por pior que possa ter sido, não conseguiu destruir. Eu vejo apenas luz nesses seus olhos dourados lindos que

me hipnotizam. — Fechei os olhos com a intensidade do que diria a seguir, então os abri, soltei o ar preso em meus pulmões e disse: — Putz, Free. Quero ser tudo para você. Eu nunca senti isso por nenhuma mulher antes. Me diz que quer o mesmo. Diga e acabe com esse aperto que me sufoca toda vez que penso que não sou bom o bastante. Diz.

Aproximei meus lábios dos dela e os resvalei delicadamente, mas não prossegui com o beijo. Deixei que ela falasse antes.

Frésia apenas assentiu, deixando que as últimas gotas escorressem de seus olhos ao piscar.

— Eu estou apaixonada por você, acho que desde que ainda te chamava de doutor. Não sei como ser a mulher que você precisa, mas...

Ouvir sua confissão quase me fez explodir por dentro, de alegria. A beije sem pensar em mais nada, selando aquele momento com o que demonstrava todo sentimento inundando em mim.

E se eu poderia ser mais específico em detalhar o que sentia, diria que também estava apaixonado.

Perdidamente apaixonado.

Capítulo sete

Carlos Eduardo

Já estávamos há um ano como namorados oficialmente.

Frésia fez com que eu desse a chance ao amor e, sem pretensão alguma, se enraizou sob minha pele e meu coração, fazendo com que todos os dias os primeiros e últimos pensamentos fossem ela e Samuel.

O menino veio antes, conquistando espaço. Admito que no começo meu foco era apenas ajudar Samuel, mas... Frésia foi difícil demais de ignorar. Seu brilho era um destaque entre as pessoas facilmente. No trabalho, ela tinha conquistado a todos por onde passava. Seu sorriso sempre cativava a todos e eu tive que ser um pouco rude com alguns homens do hospital, que ficavam *encantadinhos* demais pela minha mulher.

Samuel começou a estudar num colégio particular, pronto para lidar com surdos. Eu fiz questão de pagar e dar ao menino tudo o que ele merecia. Amor, afeto, educação.

O pai de Frésia foi um grande oponente do nosso relacionamento. Ele não queria que a filha se envolvesse com “qualquer um”, e não gostou de mim, mas eu também não tinha gostado dele, apenas o aturava por causa de Free, que sempre me garantia amá-lo independente dos atos grotescos.

Conseguimos um ótimo asilo com cuidados especiais para interná-lo. Eu me atestei pessoalmente, por um bom tempo, de que lá ele teria um bom tratamento apesar de não merecer. Conheço o diretor do local, é um amigo de longa data na área médica, que me garantiu o melhor tratamento ao velho.

Não consegui convencer Frésia a morar comigo. Ela dizia que não era o tipo de mulher que se juntava, ela sonhava em casar e aquilo me

incomodava um pouco. Eu não sou uma criança, sou um homem feito e sua recusa por duas vezes me frustrou um pouco.

Por que eu não a pedia em casamento?

Por medo.

Sim, eu sei, era ridículo. Mas eu tinha medo dela não querer casar comigo.

A mulher é linda, forte, admirável e sabia chegar e sair de qualquer lugar sem esforço. Sua pureza e carisma poderiam levá-la longe, se quisesse. Por que se prenderia a um homem tão... previsível como eu?

Isso me deixava nervoso.

Ela sonhava em casar-se, mas nunca disse que queria casar comigo, assim, com todas as letras.

Nem planos para o futuro ela costumava fazer, então...

— O que tanto pensa, príncipe?

Samuel dormia no colo dela enquanto assistíamos a um filme, esparramados no chão da minha sala de estar. O cobertor estava quase todo com o menino e, assim que ela me despertou dos devaneios, me levantei e o peguei no colo para levá-lo ao quarto onde sempre o deixo dormindo quando vem me visitar.

— Vou levar rapidinho e já volto.

Segui pelo corredor até o dito quarto e o deposei na cama macia, cobrindo-o com todo carinho do mundo. Sua pele parda e seus cabelos lisos espalhados pelo rosto eram um bálsamo nos meus dias. Samuel só me dava orgulho e alegria.

— Eu amo você, garoto.

Beijei sua testa, acendendo o abajur na cabeceira da cama logo após.

Fechei a porta e voltei para a sala. Free saiu do chão e se cobriu sentada com os joelhos abraçados sobre o sofá, fita no filme. Ao sentar ao seu lado, acariciei seus cabelos castanhos ondulados e chamei sua atenção para se virar para mim.

Assim ela o fez.

— Estava pensando que hoje completamos um ano namorando.

Soltei, esperando que ela me desse alguma dica de que já era hora de juntarmos nossas escovas.

Seu sorriso se abriu, revelando plena alegria pelo que eu acabara de dizer.

— Um ano que você mudou minha vida. Eu te amo, Cadu.

Seus braços deixaram as pernas e ela se virou, subindo em meu colo e envolvendo meu pescoço. Aconchegou seu rosto na curva do meu pescoço e deixou um beijo ali.

— Não mais do que eu amo você, Free. Você é a mulher da minha vida.

Acariciei suas costas, deslizando lentamente para baixo, com o objetivo de acariciar locais mais específicos. Não tínhamos ainda chegado aos finais e eu já tinha perdido as contas de quantas noites fui dormir depois de um banho gelado.

Entendia que o que ela passou era traumático e tudo mais, indiquei até que fosse a um analista, mas ela não queria se abrir com qualquer pessoa. Só confiava em mim. Tentei ir conquistando espaço pouco a pouco, liberdade dentro e fora dela, mas ainda não tinha conseguido o que eu tanto ansiava.

Não posso ser hipócrita. Eu amo sexo e sonho com o dia em que essa

mulher será minha por completo.

Toquei suas curvas delicadamente e ela se mexeu sobre mim, atíçando meus sentidos e me colocando em alerta.

— Podemos comemorar nosso amor do melhor modo hoje, o que acha? — sussurrei em seu ouvido e ela elevou o rosto.

— Não sei se me sinto pronta, amor. Mas posso tentar.

Mordeu o lábio, parecendo realmente uma garotinha indecisa sobre se entregar ou não. Eu pouco me lixava para sua única experiência sexual, aquilo foi como um nada. Eu seria seu primeiro e único, pois queria tê-la para sempre.

O clima foi esquentando e ali mesmo, no sofá, deitado sobre ela, nossas carícias se tornaram mais quentes e provocantes. Ela ofegava enquanto eu a despia lentamente e deixava beijos quentes e molhados sobre sua pele. Comecei por seu colo, já desnudo, beijando e estimulando seus pontos sensíveis com a boca e as mãos.

Desci lentamente e, quando estava prestes a tirar sua calcinha, a campainha tocou.

— Puta merda! — não reprimi o palavrão.

Que bosta! Quem poderia ser a uma hora daquelas num sábado? Frésia arregalou os olhos e cobriu os seios com as mãos, sinalizando com a cabeça a direção onde a porta estava.

Era um condomínio, só entravam pessoas autorizadas.

Eu nem lembrava quem mais tinha autorização, então me levantei ainda vestido e estendi o cobertor para que ela se cobrisse. Ela o fez e seguiu para a porta.

Frésia ficava observando do sofá, virada para as costas dele, que era a

direção de onde a porta estava e, assim que abri, me surpreendi com a ousadia de Patrícia. Uma das minhas ex-fixas.

— Que saudade, Dudu... — Ela se jogou nos meus braços e eu a afastei antes que pudesse raciocinar direito. — Ai, vai dizer que não queria me ver? Ficou quanto tempo sem me ligar?

Ela colocou o indicador na bochecha, fingindo pensamento.

— O que faz aqui, Patrícia? Não te chamei, vá embora.

Rudi entredentes. Não me virei para ver o olhar de Frésia para a cena ridícula que ocorria ali, apenas afastei Patrícia da porta para que não entrasse.

— Oito meses? Mais ou menos isso... Estou com saudades!

A morena era insistente.

— Pois esqueça que existo. — A empurrei para fora e fechei a porta me colocando fora de casa também. Respirei fundo. — Patrícia, eu estou em um compromisso sério, peço que nunca mais faça isso.

Tentei não ser tão rude, mas foi impossível. O medo de que Free desconfiasse de mim estava me consumindo.

Ela estalou a língua e me mostrou o dedo médio.

— Babaca. Homens não valem nada mesmo!

Saiu batendo os pés, rebolando do jeito que ela costumava fazer.

Rolei os olhos, impaciente e irritado por ter sido interrompido às onze da noite por uma mulher de que mal lembrava mais, e retornei para dentro de casa.

Caminhei até o sofá e, quando fiquei em frente, Frésia não estava lá.

— Free? — chamei olhando ao redor. — Amor, cadê você?

A tevê estava desligada e o edredom não estava ali. Ela devia ter

levado. Andei pela casa olhando pelos lados em busca dela e meu coração começou a palpitar, alertando o prenúncio de um momento ruim pelo qual eu odiaria passar.

Encontrei-a no quarto onde Samuel estava. Ela deitou ao lado dele, virada para fora. Assim que entrei no cômodo, pude ver a luz do abajur sendo refletida nos olhinhos brilhando cheios de lágrimas dela.

— Ei... — Me aproximei lentamente e abaixei, quase sentando no chão para ficar com o rosto perto do dela. — Me deixa explicar o que viu, sim?

Ela fechou os olhos e negou com a cabeça, não desejando falar.

— Por favor, Free. Meu peito está dilacerado ao ver você assim. Eu juro que não foi premeditado, eu nem lembrava que essa mulher existia.

Minha voz, num sussurro alto, não colaborou muito para que ela confiasse no que eu disse.

— Free...

Pedi numa lamúria dolorida. Estava com medo dela não querer saber de mim por motivos que nem existiam. Não podia perdê-la, ainda mais naquele dia tão especial.

Mas entendi que ela estava querendo assimilar tudo. Não queria falar comigo e eu devia respeitar isso. Tive a consciência de que não dormiria naquela noite enquanto ela e eu não estivéssemos acertados. Então me levantei e andei até a porta, abrindo-a, mas dizendo antes de sair:

— Estarei na biblioteca. Vou esperar você para conversarmos. Nem que seja só quando o dia raiar, estarei lá esperando.

Saí e fechei a porta sentindo como era, pela primeira vez, estar despedaçado com o corpo intacto.

Capítulo oito

Carlos Eduardo.

Amar é uma coisa tão louca e insana, que nos faz cometer os maiores atos sem pensar da história da nossa existência.

Eu estava sentado na poltrona da minha biblioteca, encarando o nada, sem dormir ou sem ao menos relaxar, por longos minutos, que se tornaram duas horas.

Esperei que Frésia viesse, extravasasse e me xingasse, mas isso não aconteceu.

Duas horas depois, ela entrou lentamente no ambiente e meu corpo se arrepiou por completo ao notar sua presença. Eu reagia a ela de modo único, ninguém jamais conseguiria essa proeza.

Sem se sentar, ficou na minha frente com os braços cruzados, pendendo o peso do corpo entre uma perna e outra.

— Sempre achei que você era demais pra mim. Um homem maduro, realizado, bem-sucedido e lindo... Eu não merecia tanto. Quem ia querer uma mulher pobre, cheia de limitações com um filho surdo? Mas você se mostrou esse homem maravilhoso por dentro e por fora e eu não consegui não me apaixonar por você. Me desculpa se eu fui fraca. Devia ter sido mais forte e pensado que não conseguiria ser o suficiente.

— Ei, o que está falando?

Tentei interromper, mas ela espalmou a mão no ar, pedindo que eu parasse. Assim o fiz.

— Nunca perguntei sobre seu passado ou sobre as mulheres que ficou antes de mim. Não achei necessário, eu me sentia feliz e isso era o suficiente. Mas hoje, quando aquela mulher disse que não te via há oito meses, eu... Eu me senti uma burra. Uma idiota por ter pensado que seria a única na sua vida. Não te dei sexo e isso pode ter sido...

Me levantei porque não aguentei ouvir mais besteira nenhuma sair daquela boca gostosa.

— Eu nunca, jamais faria isso com você! — A abracei, lutando contra seu afastamento. — Me escute, Free. Ela não é ninguém importante. Preciso que me ouça antes de pensar essas asneiras loucas que andou dizendo. Nunca mais diga isso, pelo amor de Deus!

A afastei e segurei-a nos ombros, para que me fitasse nos olhos no instante em que eu falasse.

O ambiente estava apenas com algumas luminárias acesas, mas dava para ela enxergar a verdade em meu olhar. Não era possível que em um ano de namoro não me conhecesse.

— Diga.

Respirei fundo e organizei as informações na cabeça.

— Eu saía com algumas mulheres, eram minhas fixas. Não eram namoradas, elas não namoravam e eu também não. Apenas chamava uma ou outra para vir aqui num fim de semana e fazia sexo. Só isso. Sem sentimento, sem envolvimento, sem compromisso. Foi assim na minha vida por muito tempo até você aparecer.

Ela abaixou o olhar, parecendo envergonhada e triste.

— Ei, amor. Não se diminua. Você foi a única capaz de me fazer ser esse homem louco e apaixonado. Nunca nem namorei ou permiti que se

envolvessem na minha vida pessoal. Jamais me apaixonei por nenhuma delas. É você que eu amo e desejo ter ao meu lado todos os dias da minha vida.

Isso fez com que ela levantasse os olhos repletos em lágrimas e me encarasse com temor.

— Não seja esse homem que me fez pensar que é hoje, Cadu.

Aquilo me transtornou.

— Mas eu não sou! Que saco, Frésia!

Levei a mão aos cabelos e saí de perto dela, andando que nem um tonto pelo ambiente em busca de palavras mais convincentes, até que algo me acometeu.

Voltei a ficar em frente a ela e me ajoelhei.

— Casa comigo, Free. Seja minha esposa. Eu sou seu e de mais ninguém, apenas diga que me quer. Sou um ferrado, não sei ser o melhor nem o que precisa, mas eu te amo com toda a minha alma. Seja minha, por favor. Você e Samuel serão minha família.

O olhar dela vacilou. Pude ver suas íris tremeluzirem em um conflito interno que me deixava ainda mais ansioso pela sua resposta. Segundos foram necessários para que ela enfim me desse seu veredito.

— Não. Não caso, Cadu.

Aquilo me desmontou. E todo amor que ela dizia sentir por mim? E nossos momentos juntos, e tudo?

— Mas... Mas...

— Não ficou claro se você me traiu mesmo ou não, e, sinceramente?

— Ela inspirou uma boa dose de ar, soltando lentamente ao passar por mim, rumo ao quarto de Samuel. — Preciso respirar. Pensar. Tá tudo muito

confuso.

Virei-me olhando minha mulher escapar assim, sem dó nem piedade, e dei passos rápidos até ela, envolvendo seu braço, puxando-a delicadamente para mim.

Paramos frente a frente. Olhos nos olhos. Era a hora da verdade.

— Eu nunca trairia você. Não te traí, faz mais de um ano que não vejo aquela e todas as demais mulheres com quem me relacionava. Por favor, acredite em mim.

Minha voz continha uma súplica contumaz que fazia meu peito querer explodir.

Ela abriu a boca lentamente e notei seus lábios tremerem. Podia ver o abalo em seu semblante. Ela me ama!

— Minha vida foi composta somente por momentos tristes, sofrimento. Não posso ser feliz assim de uma hora para outra. Nada na vida é cem por cento feliz e eu não consigo confiar de que isso entre nós — apontou para mim e depois para ela — seja meu “felizes para sempre”. Isso não existe.

Levei as mãos aos cabelos já bagunçados com meus puxões aflitos e vi a mulher que detém meu coração seguir porta afora, me deixando ainda mais destroçado que antes.

Como uma pessoa é capaz de ter o poder de acabar tão facilmente com outra assim?

Capítulo nove

Carlos Eduardo.

Foram dois longos dias sem sinal de Frésia.

O domingo foi como um borrão assim que Samuel e ela foram embora de ônibus antes mesmo que eu contestasse.

Segunda-feira ela me ignorou no hospital e, como eu estava atolado em serviço, também não pude muito correr atrás.

Mas na terça, eu decretei de fato minha vitória nessa batalha. E foi logo pela manhã, quando conversei com Diego na pediatria.

— Que cara de perdido é essa, chefe?

Ele perguntou assim que entrei no seu consultório, sentando bruscamente em frente a ele, depositando minhas mãos unidas sobre a mesa. Minhas feições deveriam ser as de um zumbi.

— Não ando dormindo. Sabe como é... Mulheres.

— Frésia, no caso. Ou...?

Deixou no ar, insinuando que eu pudesse estar envolvido com qualquer outra.

— Tá maluco? Eu amo aquela crueldade em pessoa. Meu doce e puro jardim de frésias simplesmente se mostrou a mais desalmada das criaturas e eu estou sofrendo como burro de carga desde sábado. Preciso de ajuda.

Bufei colocando as mãos na cabeça, com os cotovelos sobre a mesa, demonstrando meu total despreparo com a situação.

Diego cruzou os braços e relaxou na cadeira, me olhando com a altivez que eu detestava. Ele sabia como era sentir aquilo. Ele era casado e, agora que todos sabíamos que seu casamento sempre existiu, se tornou um dos conselheiros matrimoniais entre os homens solteiros do hospital. O cara sempre tinha um conselho certo.

— Amar é uma benção e uma maldição, chefia. A gente se sente tão preso que, na ínfima possibilidade dessa realidade acabar, ficamos loucos. Mas conta, o que houve?

Desatei a tagarelar sobre nosso relacionamento. Eu não contava das minhas intimidades a ninguém, mas aquele momento era de puro desespero e necessidade. Eu não podia perder Frésia para seus pensamentos maldosos sobre mim, nem para sua própria autossabotagem.

— Você acabou de me dizer que passou um ano com ela sem sexo? Nada, nada?

Diego arregalou os olhos e me fitou incrédulo.

— Pois é... Quando a gente tá apaixonado, fazemos essas loucuras mesmo. Ela não se sentia à vontade ainda e eu... Bem, eu sou um capacho, não é mesmo?

Ironizei e ele riu, mas quando fechei a cara reprovando sua risada, ele tossiu e se aprumou, ficando sério novamente.

— Bom... eu compreendo sua situação e admiro demais o modo como tem conduzido seu relacionamento. Sabe como é... minha mulher parece um pouco com a sua e...

Então os olhos do conselheiro amoroso começaram a brilhar, quando ele encarou o teto, lembrando da sua esposa. Eu queria um conselho, não suas declarações amorosas.

— Nina é batalhadora e conquistou um espaço dentro de mim que eu jurava que nem existia, ela foi capaz de me fazer cometer as mais altas loucuras e...

Pigarreei, o trazendo de volta para a terra. Ele abanou a cabeça, respirou fundo e me perguntou o que eu queria, na verdade.

— Quero casar com Free. O que acha que preciso fazer? Ela já me disse um não e não quero ser rejeitado novamente. O que você fez para pedir Nina em casamento?

Fui direto ao ponto.

Diego começou a tossir, acho que deve ter se engasgado com sua própria saliva, porque pediu um segundo, apontando para mim com o indicador e levando a outra mão em punho para a boca, aguardando a tosse aliviar.

— Hã... Eu... — pareceu pensar demais, será que ele já tinha esquecido? — Eu fiz algo bem grandioso. Não teve nem a chance dela dizer não. Acho que você deveria fazer o mesmo.

Cruzei os braços e o fitei de cenho estreito, tentando compreender o que queria dizer com “grandioso”.

— E o que sugere?

— Eu sugiro...

(...)

Depois da conversa com Diego, eu me sentia um homem determinado e renovado. Frésia seria minha e ponto final. No fim daquele expediente, fui

até ela e simplesmente ditei que a levaria em casa. Estava com saudades de Samuel mesmo estando apenas há dois dias sem vê-lo.

Também queria matar a saudade dos lábios deliciosos da minha Free.

Assim que chegamos lá, a amiga de Free, Camila, nos recebeu sorridente. Ela cuidava de Samuel às tardes.

— Quanto tempo, doutor!

Me recebeu feliz, diferente de Frésia, que tentava a todo custo me evitar desde que entramos no carro.

Entrei e me sentei na cadeira da sala, esperando que Samuel aparecesse, o que ocorreu nos minutos seguintes. O menino sorridente e feliz veio correndo na minha direção com os braços abertos e fiz o mesmo para recebê-lo, abrindo meus braços.

— Tio Cadu! — O esperto já sabia pronunciar meu nome e aquilo me matava de orgulho.

Nos afastamos para que eu conversasse com ele em libras.

“Estava com saudade, meu pequeno. Como estão seus dias?”

Ele deu de ombros e fechou o sorriso.

“Minha mãe chora todos os dias. Eu queria que você voltasse a fazer ela sorrir ao invés de chorar.”

Aquilo dilacerou meu coração.

“Acha que sou capaz de fazê-la feliz, filho?”

“Sim. Acha que sou seu filho?”

Ali notei que fora a primeira vez que eu o chamei de filho em libras, mas na minha cabeça o menino já tinha esse posto sem fazer o menor esforço.

“Com certeza. Frésia é sua mãe e a mulher da minha vida. Eu a amo e

também amo você. Então é sim meu filho.”

Nesse momento, Free adentrou o cômodo e nos encarou atentando-se à nossa conversa em sinais. Elevei meus olhos e a vi abaixar o olhar para seu colo.

— Free. Já chega, vamos conversar?

Samuel sentou no meu colo e ficou abraçado a mim como uma criança desejosa por afeto, como sempre demonstrou ser. Eu faria de tudo por aquele garoto.

— Não manipule meu filho. Eu o amo demais para fazê-lo sofrer. Peço que faça o mesmo.

Sua voz doce não demonstrou o rigor que desejava, me fazendo querer apenas sugar seus lábios lentamente e beijá-la com toda minha adoração por ela.

— Amor...

Ela fechou os olhos ao me ouvir chamá-la de amor.

— Mais tarde, Cadu. Mais tarde conversamos.

E assim, aquele começo de noite trouxe a noite plena, depois de algumas horas após Camila ter ido embora. Samuel e eu brincamos com alguns jogos de tabuleiro e depois do banho ele logo ficou sonolento e pediu para ir dormir.

Me ofereci para levá-lo até o quarto e sentei na beira da cama enquanto ele se cobria.

“Eu sempre quis saber como era ter um pai de verdade, sabe?”

Ele disse e meu coração se aqueceu, encarando seus olhinhos esperançosos. Alisei seus cabelos sobre a testa e afirmei:

“Agora você tem. Eu não vou te abandonar nunca, filho. Você e sua mãe são minha família.”

Os olhos dele começaram a marejar e eu não quis chorar também, então apenas beijei sua testa e fiquei ali, acarinhando seus cabelos até que ele caísse no sono.

“Amo você, Samuel.”

Me levantei, deixando o quarto iluminado apenas pelo abajur, e saí em direção à cozinha, onde Free estava lavando as louças do jantar.

A abracei por trás sem me importar com suas atitudes que me distanciavam e, diferente dos dias anteriores, ela me deixou ficar ali, com o rosto em seu pescoço inspirando seu aroma floral inebriante.

— Eu sou completamente louco por você, Free. Diz que já me perdoou, diga que me ama e que sou seu?

Supliquei como um garotinho pidão mesmo. Que se danem os machismos da vida. Eu dependia daquela mulher como ar para respirar.

Ela lavou as mãos cheias de espuma e pegou um pano de prato para enxugá-las. Logo se virou e, mantida em meu abraço, envolveu meu pescoço.

— Não consigo ficar mais um dia sequer sem beijar você, amor. Eu sou uma burra masoquista mesmo. Se tiver que sofrer, no fim das contas... que ao menos eu esteja com o homem que eu amo.

Seus olhinhos demonstravam um temor enorme pela sua atitude.

— Não vai sofrer. — Roci meu nariz no dela e suguei seu lábio inferior. — Eu prometo com minha própria vida. Te farei feliz enquanto eu respirar.

Ali deixamos tudo em pratos limpos e reacendemos a chama do nosso amor, com esperança de um “felizes para sempre”, como ela merece e como

eu quis desde que aqueles olhos dourados se tornaram meu maior vício.

Epílogo

Frésia.

Desde pequena eu sonhava em ter uma vida como as princesas das histórias que meu pai contava.

Queria um príncipe, queria um final feliz, queria uma família linda e cheia de amor.

Isso se destruiu quando eu me vi estuprada, abalada e grávida.

Mas Deus é bom e fez com que Samuel fosse minha maior bênção. Aquele menino chegou trazendo um sentido novo na minha vida tão vazia e limitada. Mesmo tendo que abrir mão da faculdade que eu tinha me esforçado tanto para conquistar, consegui trazer meu filho ao mundo sem limitações e desde então meu foco se tornou sustentar meu filho e ajudar meu pai.

Os anos se passaram e logo meu pai se acidentou, tornando-se amargurado e dependente. Tudo em minha vida começou a decair e, em poucos anos, nos encontrávamos em uma miséria que jamais imaginei viver.

Até o dia em que o carro luxuoso parou na minha frente naquela calçada.

A vida é uma ironia sem fim. Eu conhecia a história do doutor Carlos Eduardo Braga, ele tinha sido meu objetivo de vida quando sonhava em ser médica. Era uma admiradora de longe, uma menina que o olhava e pensava: “Será que um dia posso chegar onde ele chegou?”.

Sei que ele não nasceu rico e sempre se esforçou muito para conquistar o espaço que ocupa e, numa palestra no ensino médio, onde visitamos alguns

hospitais para conhecer mais da área de saúde, ele foi o palestrante que mais me chamou atenção.

Eu jamais esqueceria aqueles cabelos negros esvoaçantes que nem um gel capilar domaria.

Vê-lo me dando ajuda foi, de longe, minha maior sorte. Eu estava feliz apenas por meu filho ter sido socorrido por ele e tratado em um bom hospital, mas então ele quis manter contato e... foi gentil, amoroso, solícito...

Foi impossível não me apaixonar.

Inevitável.

Eu nunca tinha vivido nenhuma história de amor, não acreditava que podia acontecer comigo. Apenas vivia um dia de cada vez e deixava nas mãos de Deus meu destino.

Mas o destino sorriu para mim e, depois de um ano e dois meses namorando o homem dos meus sonhos, eu me vi num cenário que me deixou mais do que boquiaberta. Me deixou... plena em felicidade.

Estávamos no hospital. Ele na sala dele e eu no setor de xerox, fazendo mais de 300 cópias que o doutor Garcia tinha me pedido de urgência. Aquilo estava demorando demais e eu ainda tinha várias coisas para fazer naquele dia.

— Meu Deus... que demora em fazer cópias.

Lamentei tendo que virar página a página do livro de medicina que ele me deu. Eram trezentas cópias, sendo cada folha uma cópia diferente.

Perdi a noção do tempo, mas consegui sair com as cópias em mãos. No entanto, o hospital que antes parecia movimentado, ficou vazio.

Estranhei, mas não me atentei a nada, apenas peguei o elevador e subi para o setor de traumatologia e, quando abriram-se as portas, uma surpresa.

No corredor havia uma fileira enorme de médicas e enfermeiras mulheres com frésias nas mãos. Todas elas, alinhadas rente às paredes do corredor, sorriam para mim enquanto eu andava lentamente. Então, de repente, um médico saiu de uma sala cantando:

— *“O que será que meu Deus pensava quando criou você? Acho que ele estava pensando em mim, porque me deu mais do que sonhei. Deu muito mais do que podia imaginar...”*

Imediatamente meus olhos se encheram de lágrimas, eu não podia acreditar que Cadu tinha feito mesmo aquilo!

Deus do céu, o homem não existe!

As mulheres faziam uma voz de fundo, balançando lentamente de um lado a outro enquanto os médicos saíam das portas durante meu trajeto naquele corredor.

Eu sempre achei difícil entender
Como duas vidas podem
Se tornar apenas uma
Mas quando eu te encontrei, eu te amei
E um milagre aconteceu
E então eu entendi
Que Deus tem sempre um plano para nós
É preciso paciência e ouvir Sua voz

O que será que meu Deus pensava
Quando criou você?
Acho que Ele estava pensando em mim
Porque me deu mais do que sonhei
Deu muito mais
Do que eu podia imaginar

Prometo que ao seu lado vou estar
Nas horas mais difíceis
Eu contigo vou chorar
E onde quer que a vida te levar
O meu coração vai junto
Para sempre vou te amar
E Deus já tem um plano para nós
É preciso paciência e ouvir Sua voz

No fim do corredor, a porta central que dava na emergência se abriu. Cadu saiu de lá sorrindo com um imenso buquê de frésias coloridas que chamavam atenção em sua roupa toda branca. Ele caminhava com lágrimas nos olhos até mim, que já chorava como uma louca ao ouvir todos juntos entoando o fim da canção:

O que será que meu Deus pensava
Quando criou você?
Acho que Ele estava pensando em mim
Porque me deu mais do que sonhei
Deu muito mais
Do que eu podia imaginar

Ele ajoelhou na minha frente e eu levei as mãos até a boca, chocada com a cena.

— Free, como pode ver, todos aqui foram cativados pelo seu carisma, sua pureza, sua doçura. Você ilumina a vida de quem se aproxima de uma forma única. Assim foi comigo. O dia que conheci você e Samuel, algo aqui dentro — ele apontou para o peito — queimou, me dando o prenúncio de que

vocês não seriam passageiros. Eu queria apenas fazer algo à sua altura e isso tudo foi o que consegui, por ora. Você merece muito mais. Aceita ser minha esposa? Casa comigo?

Eu, já em prantos, sem controlar as emoções, ajoelhei-me na sua frente e só consegui dizer:

— Sim, sim, sim!

O abracei chorando sem cessar, firmando que, daquele dia em diante, não seríamos apenas um talvez. Nosso amor se tornou a maior certeza da minha vida e eu poderia enfim ter o futuro que meu filho merecia e eu sempre sonhei.

— Te amo, Free. Para sempre.

— Te amo demais, Cadu. Mais do que eu consigo expressar. Para sempre.

Agora eu tinha uma família dos sonhos e meu filho, seu amado pai do coração.

Agradecimentos

A Deus, porque é meu maior motivador e inspirador.

Sem sua graça, seu amor, sua amizade, eu nada seria.

Agradeço à minha família, meus amigos mais chegados, aos leitores, em especial a Thainá e a Poliana, minhas betas nesse conto lindo.

Amo vocês. Obrigada.

Em breve esse conto ganhará um formato maior, dando mais detalhes do romance entre Free e Cadu, espero que vocês gostem!

Gratidão, A G Moore.

Outras obras

Último lançado na amazona:

[MALCOLM: e a esposa comprada](#)

RISE - LIVRO 1 - LEIA A NOTA DA AUTORA NO COMEÇO DO LIVRO.

“Se você espera uma história de amor, dê meia volta. Essa é a minha história, e nela o amor nunca existiu.”

Malcolm Samuels comanda o planeta com suas mãos. Componente principal da família que governa o mundo, nasceu e foi criado para ter uma mente ágil e maquiavélica, onde fraqueza não tem vez e sentimentos não podem corrompê-lo. Rivka Rosenberg é a única filha do maior empresário que já existiu. Herdeira de uma fortuna imensurável, recebeu uma educação caseira, sem contatos externos, onde a sabedoria e a gentileza andam lado a lado. Um pacto une luz e escuridão. As regras não podem ser quebradas. O preço será seu sangue.

Dentro de um mundo de sombras, corrupção e perdição, Malcolm e Rivka descobrem que às vezes é melhor se permitir sentir, nem que seja uma única vez.

CONTEÚDO MADURO - CONTÉM GATILHOS.

[Nosso Acordo.](#)

Até quando uma amizade pode chegar?

Camila e Miguel sempre foram amigos, mas um acordo chegou para provar que tudo poderia ser diferente num piscar de olhos.

Mais de um milhão de leituras na plataforma Amazon

Série Feelings:

Os livros de romance com drama que te farão suspirar, chorar e se apaixonar até a última linha lida!

[Inesquecível](#)

Imensurável

Irrefreável

Indestrutível

Quatro amigos — Como tudo começou (conto spin-off)

Teorias sobre o amor (conto spin-off)

Outros livros e contos:

Chamada do amor

Aposta — Além do limite

Novo Nascimento

Acende a luz?

O diário de uma recém-milionária

Minha Sapatilha Mágica

Meu CEO ALugado

PAI DE UM MILAGRE